

O ENVELHECIMENTO, A SUSTENTABILIDADE SOCIAL E A IDADE DA REFORMA

Dois pressupostos antes de mais: não sou economista, nem político, nem comentador de televisão.

Tenho ouvido com bastante frequência a defesa do aumento da idade da reforma para combater a insustentabilidade prevista com o aumento da esperança de vida e a diminuição da taxa de natalidade, tornando as sociedades desenvolvidas extraordinariamente envelhecidas.

Não costumo a comentar nem a argumentar por me parecer daquelas ideias que se atiram para a conversa só com o objectivo de a manter e porque fica bem já que me parece que ninguém de bom senso julga que isto poderá ser uma solução para a revolução demográfica causada pelo envelhecimento.

Mas hoje li numa reputada revista nacional que uma das soluções do encontro dos líderes europeus era precisamente o aumento da idade da reforma para combater o envelhecimento da sociedade e atenuara a insustentabilidade dos sistemas sociais. Pasmem...

Contudo, porque não devemos pensar que somos mais espertos do que todos os outros resolvem repetir alguma reflexão já feita no seio da Associação Amigos da Grande Idade sobre este tema e recordei que teríamos chegado à conclusão que esta solução era imprópria para ser apresentada por pessoas inteligentes.

O aumento da idade da reforma não tem qualquer consequência na sustentabilidade do sistema e no combate ao envelhecimento da sociedade. O que está em causa com o envelhecimento das sociedades e com os custos inerentes a este envelhecimento é o tempo que as pessoas vivem após deixarem a sua actividade activa no mercado de trabalho. Ora se hoje deixam de trabalhar aos 65 anos e vivem até aos 85, não me parece que se deixarem o mercado de trabalho aos 67, isso faça com que a esperança de vida pare nos 85 anos, sendo normal que a esperança de vida continue a aumentar.

Mas a verdadeira causa da insustentabilidade tem a ver mais com os anos de vida saudáveis do que com esta história da reforma.

Reparem no seguinte quadro:

	Life expectancy in absolute value at birth - females	Life expectancy in absolute value at 65 - females	Healthy life years in absolute value at 65 - females	Life expectancy in absolute value at birth - males	Life expectancy in absolute value at 65 - males	Healthy life years in absolute value at 65 - males
Ano	2007	2007	2007	2007	2007	2007
Portugal	82,2	20,2	5,3	75,9	16,8	6,8
Spain	84,3	21,9	9,9	77,8	17,8	10,3
Germany	82,7	20,7	7,5	77,4	17,4	7,7
United Kingdom	81,9	20,2	11,5	77,7	17,5	10,3
European Union	82,2	20,5	8,9	76,1	17,0	8,7

Neste quadro reparamos que Portugal em 2007 apresentava uma esperança média de vida após os 60 anos de 20,2 para as mulheres e 16,8 para os homens. Números mais ou menos semelhantes aos países apresentados na tabela. O problema é que desses 20,2 anos nas mulheres só 5,3 anos são vividos com saúde, restando 14,9 anos de doença e nos homens 10 anos de doença com todos os custos que isso tem na sociedade.

Mas se a na Inglaterra os tais vinte e poucos anos de chamada inactividade só se traduzem em 9 anos a consumir recursos de saúde, na União Europeia tínhamos ainda os homens a viverem 8,3 anos com doença e as mulheres a viverem 11,6 anos nessa situação.

É pois despropositado atribuir ao envelhecimento qualquer custo de sustentabilidade. Ele deve ser atribuído essencialmente à falta de prevenção nesse envelhecimento e às suas consequências: a doença e os recursos sociais, humanos e económicos que se gastam nessa área.

Um idoso saudável não representa qualquer perigo para o equilíbrio económico das sociedades e será mais de tomar medidas para aumentar a taxa de natalidade nos países desenvolvidos do que aumentar a idade da reforma.

Aumentar a idade da reforma é chutar para a frente um problema que já deveria ter sido considerado na lista de prioridades dos nossos líderes há algum tempo atrás.

Podemos provar que existe uma relação directa entre os anos de vida saudável e o investimento em prevenção do envelhecimento, como se nota no quadro seguinte:

Ano	Healthcare spending, international comparison (% of GDP)	Expenditure on care for elderly - [tsdde530] % of GDP	Self-perceived health by sex, age and activity status (%) – Mau / Muito Mau- Aposentados
Portugal	10,3	0.25	49,9
Spain	10	0.45	20,6
United Kingdom	10,1	0.56	10,0
European Union (27 countries)	...	0.42	22,3

¹ Eurostat. (2009), *Eurostat regional yearbook 2009*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, ISBN 978-92-79-11696-4, ISSN 1830-9674, doi: 10.2785/17776, Cat. No: KS-HA-09-001-EN-C.

Reparamos que os Países que mais investem na prevenção do envelhecimento (United Kingdom) tem uma esperança de vida em anos saudáveis maior que nos que não investem nessa área.

Há pois que descontraír algumas ideias que me parecem extraordinariamente erradas e que determinam as nossas opiniões e as nossas decisões.

Espero que se entenda que a principal causa do desequilíbrio das prestações sociais estará no segmento que vai do ano em que se abandona a vida activa ao ano médio em que se deixa de ser saudável e é este segmento que deve ser aumentado e não a idade da reforma que se poderá tornar irrelevante se a esperança de vida, como se prevê, continuar a aumentar.

Ou estarei errado e a reflectir de forma incorrecta. Espero as vossas opiniões.

A título de curiosidade deixo a bibliografia:

Eurostat. (2009), *Eurostat regional yearbook 2009*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, ISBN 978-92-79-11696-4, ISSN 1830-9674, doi: 10.2785/17776, Cat. No: KS-HA-09-001-EN-C.

Eurostat. (2010), *Eurostat regional yearbook 2010*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2010, ISBN 978-92-79-14565-0, ISSN 1830-9674, doi:10.2785/40203, Cat. No: KS-HA-10-001-EN-C.

Healthcare report. (2010). *Healthcare Industry Report: Portugal*, 9-15. Retrieved from EBSCOhost.

² Eurostat. (2010), *Eurostat regional yearbook 2010*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2010, ISBN 978-92-79-14565-0, ISSN 1830-9674, doi:10.2785/40203, Cat. No: KS-HA-10-001-EN-C.